



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

QUATRO D. PRIORES DA COLEGIADA DE SANTA MARIA DA OLIVEIRA DE GUIMARÃES. ESBOÇOS BIOGRÁFICOS.

GONÇALVES, Alberto

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

GONÇALVES, Alberto, Quatro D. priores da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães. Esboços biográficos. *Revista de Guimarães*, 40 (1-2) Jan.-Jun. 1930, p. 33-40.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Quatro D. Priores da Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães

(Esboços biográficos)

Desde *menino e moço* que senti sempre uma grande predilecção pelos assuntos históricos, uma arraigada paixão pelas *velharias*, venerandas antiqualhas do nosso glorioso passado que nos tornou grandes e respeitados até os confins do Universo.

Grandes na sciência náutica, por meio da qual rasgámos amplos horizontes para o porvir desta nossa amada Pátria, e nas armas, com os lampejos dos quais subjugámos povos, consolidámos a nossa independência e conquistámos triunfos, devidos ao arrôjo de brilhantes feitos e à gallardia das nossas crenças, cujos monumentos aí vemos espalhados por êste nosso querido Portugal a atestá-la de uma maneira vincante e bela e todas as suas grandiosas manifestações da Arte.

Guimarães foi uma das terras de Portugal, que mais se impuseram ao respeito e consideração dos antepassados, já pelos seus pergaminhos de fidalguia inconcussa, já pelos seus méritos como depositária de lídimas crenças. Os seus monumentos, alguns dos quais remontam a uma longínqua antiguidade, ali estão a demonstrá-las. O seu mosteiro de Santa Marinha da Costa, hoje propriedade particular, cuja origem se deve à princesa D. Mafalda e onde estudou latim e filosofia D. António, Prior do Crato, filho do infante D. Luís e de D. Violante Gomes, a *Pelicana*, judia de origem, com o fim de seguir a vida eclesiástica, da qual desistiu, tendo-se doutorado na Universidade de Coimbra, teve fama nesses afastados tempos. D. Jaime, o 2.^o duque de Guimarães, e padroeiro do dito convento, desejando reformar-lhe a regra, que era de Santo Agostinho, impetrou a autorização do Papa que lha concedeu pela bula *Ad hoc nos divina miseratio* e passou-o para a de S. Jerónimo e cuja bula, sendo executada pelo D. Prior da colegiada,

D. Sebastião Lopes, banii para sempre daquele convento os primitivos frades. Dado o seu padroado ao 1.º duque de Bragança D. Afonso, após a trágica batalha de Alfarrobeira contra o infante regente D. Pedro, e da qual foi 1.º duque o 3.º de Bragança, D. Fernando II, o *Degolado*, por mercê de Afonso V, que, em 1464, no tempo de D. Prior da colegiada Afonso Gomes Guerra, que fôra também capelão daquele 1.º duque de Bragança, o mimoseava com enormes rendimentos tirados da mesma colegiada, mereceu Guimarães as mais dedicadas simpatias do Mestre de Aviz. Ao templo de Nossa Senhora da Oliveira consignou êle o mais desvelado reconhecimento de indelével gratidão pelos favores que atribuiu à sua padroeira no fragor das mais encarniçadas lutas contra os inimigos da Pátria.

Assim, antes de tomar parte na batalha de Aljubarrota, ofereceu à Virgem da Oliveira a sua armadura, colocando-a sôbre o altar-mór da respectiva igreja, deu-lhe, por duas vezes, em dinheiro e prata, o valor do seu pêso, que importou em 12 marcos, sendo uma delas por não lhe resultar mal maior da dentada de um cão hidrófobo que o acometeu em certa ocasião que êle se dirigia a pé para esta então vila. Depois daquela formidável batalha, ofereceu à mesma imagem o seu pelote, a sua lança, e o artístico oratório em prata que tomara ao rei castelhano, mandou reedificar e ampliar o templo, em cujas obras empregou 100 prisioneiros castelhanos, reformou os estatutos da colegiada, da qual nomeou D. Prior o abalidado seu secretário João das Regras, fez cônegos os seus capelães e enriqueceu o seu tesouro com muitas alfaias e valiosos paramentos.

Ora foi durante as minhas aturadas investigações feitas a propósito de outros assuntos na Biblioteca Nacional e na da Ajuda, de Lisboa, bem como na Tôrre do Tombo, que encontrei um manuscrito, porventura inédito, do qual extrai estes apontamentos que, em poucas linhas, passo a expôr.

Eles servirão de subsídio a quem, mais tarde, resolve abalançar-se a formar a vasta galeria dêstes dignitários eclesiásticos, trabalho sobremaneira útil e de grande importância social, dignos por certo de vir para a luz da publicidade.

Quiséramos ilustrar estas linhas com as veras efigies dos biografados. Mas não foi possível consegui-las, o que nos penaliza bastante.

Entremos, pois, no assunto:

D. Diogo Pinheiro ou **D. Diogo Pinheiro Lobo**, apelido êste de que pouco usava. Era natural de Barcelos, filho do dr. Pedro Esteves Cogominho, desembargador do 1.º duque de Bragança, D. Afonso, e ouvidor das suas terras ou estados ducaes, do Conselho de el-rei D. Afonso V e de D. Isabel Pinheiro; era sobrinho de D. Branca Pinheiro, mãe do instituidor do morgado de Pindela, 14.ª avó do falecido conde de Arnoso, que foi secretário do falecido rei D. Carlos I, assassinado no Terreiro do Paço em Lisboa, em 1 de Fevereiro de 1908.

D. Diogo, jurisconsulto distinto, era formado *in utroque jure*. Serviu a Sereníssima Casa de Bragança como capelão e por êsse motivo era muito dedicado ao duque D. Fernando II, tendo-o defendido acaloradamente perante os 21 juizes da Casa da Suplicação, então estabelecida em Tôrres Novas, que o condenaram à morte.

Foi o D. Prior da Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães, em 1519 e em seguida 1.º bispo do Funchal, de 1520 a 1526, nomeado por D. Manuel I e confirmado por bula do Papa Leão X, a cuja diocese nunca foi por causa dos muitos cargos que exercia, sendo por isso governada por um provisor da sua escolha e nomeação.

Acumulou a dignidade prelatícia com a de Vigário da igreja de S. Francisco do Olival, em Tomar, reunindo todos estes rendimentos e direitos por determinação do mesmo monarca com os de prelado para obter a confirmação; rendimentos que depois da sua morte tornaram à origem. Foi o primeiro comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira, no termo de Barcelos, administrador perpétuo do de S. Salvador de Castro, de Avelãs, em Trás-os-Montes, comendatário do de Santa Maria do Carvoeiro e do de S. Bento, junto de Viana do Castelo.

Foi prelado 26 anos. Serviu a Casa Real e desempenhou os lugares de Conselheiro de Estado e de Desembargador do Paço.

Quando D. Prior da referida colegiada, mandou fazer

a claustro e ordenou a conclusão da torre ou campanário da igreja, iniciado por seu pai, em cuja base subterrânea descansam seus progenitores em dois túmulos, entre os quais D. Diogo determinou a construção de um alçado ou altar, no qual se celebrava missa por êles e cuja despesa estava imposta no morgado dos Pinheiros.

Faleceu em Tomar e teve sepultura na capela-mor na igreja de que era vigário. Seus restos foram mais tarde removidos para um mausoléu que os seus descendentes mandaram erguer ao lado do Evangelho, com um simples e modesto epitáfio, por baixo do seu brasão de armas, encimado por um chapéu episcopal.

Compunha-se êste brasão de 6 lobos, 4 chaves e um pinheiro com um leão junto. O mesmo brasão mandou êle gravar também em vida, na porta principal da igreja do mosteiro de Castro, de Avelãs; porta feita por determinação sua.

Deixou êste prelado três filhos e uma filha: Pedro Gomes Pinheiro e Rodrigo Pinheiro, que foram eclesiásticos, tendo o último ocupado a cadeira episcopal do Pôrto e Francisco Gomes Pinheiro que se dedicou à carreira das armas e que, indo para a Índia, lá morreu, deixando uma notável fama das suas belicosas acções e D. Isabel Pinheiro que casou.

D. Manuel I protegeu tanto a sé do Funchal que lhe aumentou os rendimentos com a mercê de mil arrôbas de açúcar anuais tiradas das mercadorias da respectiva alfan-dega.

D. Fulgêncio de Bragança — era filho do segundo matrimónio do 4.º duque do mesmo título D. Jaime e de D. Joana de Mendonça; neto materno de D. Diogo de Mendonça, cavaleiro fidalgo com 2\$700 para moradia e que fôra anadel de bêsteiros e era alcaide-mor de Mourão, e de D. Brites Soares, filha bastarda de um *fidalgote* Fernão Soares de Albergaria e de uma rapariga da Beira, por nome Maria Gonçalves, natural de Alfacachão, perto de Viseu: e paterno do 3.º duque de Bragança, D. Fernando II, o *degolado* ou *das pernas gordas* e de sua segunda mulher D. Isabel, filha do infante D. Fernando e irmã de D. Leonor, espôsa do que foi rei D. João II, que devido à conspiração dos nobres de que êste duque D. Fernando foi dirigente, o mandou degolar na praça do Geraldo, em

Evora, na madrugada de 21 de Junho de 1483. Nasceu em Vila Viçosa e foi o 18.º D. Prior da Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães, no ano de 1529, comendatário do Mosteiro da Amoreira e patriarca eleito do Brasil, de cujo lugar não tomou posse, e Mestre-escola da collegiada de Barcelos.

Seu irmão D. Teodósio, 5.º duque de Bragança, filho, do primeiro matrimónio, do referido 4.º duque D. Jaime, com a inditosa D. Leonor de Gusmão e Mendonça, a quem este, movido pela traição que ela cometera com o pajem Antonio Alcoforado, assassinara na noite de 1 para 2 de Novembro de 1512, no seu paço de Vila Viçosa, tentou conseguir a nomeação de D. Fulgêncio para a mitra de Viseu, por carta sua escrita ao rei em 8 de Agosto de 1548, mas não conseguiu tal desejo.

Era D. Fulgêncio formado em Artes, tendo estudado no mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, tendo por aio e professor D. Manuel de Araújo, cônego regrante de Santo Agostinho, assim como de latim o fôra D. Máximo de Sousa, e por morte deste, D. Brás, insigne humanista.

Foi abade de Travanca, lugar que exerceu por pouco tempo, atentas as solicitações que neste sentido lhe fizera o cardeal D. Henrique.

Na igreja da Colegiada de Guimarães mandou construir um túmulo para S. Gualter, padroeiro da cidade e frade da Ordem de S. Francisco.

D. Fulgêncio foi sepultado na igreja do convento das freiras das Chagas, da sua terra natal.

Deixou dois filhos que, por fragilidade humana, houvera de D. Camila de Sousa, filha de um físico da côrte, que raptara. Foram eles *D. Francisco* e *D. Maria*. Aquele seguindo a carreira eclesiástica, formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra, como porcionista do real colégio de S. Paulo, da mesma cidade. Nasceu este D. Francisco, em Evora e foi educado em casa de seu tio paterno. D. Teotónio, arcebispo de Evora, o qual lhe deu bons mestres. Depois de saber bem o latim, matriculou-se na dita Universidade de Coimbra, na qual entrou em 1585 (26 de Fevereiro).

Foi depois nomeado para uma conezia da Sê da sua terra natal, por instâncias de Felipe I, de Portugal, que o nomeou mais tarde para desempenhar uma missão de

assuntos eclesiásticos e quando os terminou deu-lhe aquele monarca 20 mil cruzados de rendimentos tirados de certos bens de igrejas. Foi deputado do Santo Ofício em Lisboa, «sumilher» da cortina, deputado da Mesa de Consciência e Ordens em 1594, desembargador do Paço, visitador e reformador da Universidade de Coimbra e em 1617 passou para deputado do Conselho Geral e no ano seguinte para o de Portugal, em Madrid, sendo ao mesmo tempo do do rei de Castela. Em 1619 assistiu às côrtes, como um dos procuradores da nobreza e foi eleito patriarca de Portugal, na Índia Oriental, de cuja dignidade não tomou posse. Mandou êste D. Francisco construir, em Evora, uma capela que lhe custou 70 mil cruzados, a qual legou por sua morte, juntamente com a sua fazenda, aos jesuítas da mesma cidade com a determinação expressa de se constituir nela, um noviciado para missões na Índia, desejo que não se realizou. Morreu em 31 de Julho de 1634, em uma sua quinta em Coimbra — segundo uns, ou em Lisboa — segundo afirmam outros. Tinha 70 anos e foi sepultado à entrada da sacristia da igreja de S. Roque (dos jesuítas) daquela segunda cidade, por disposição sua e numa capela que ali mandou construir para êsse fim. Escreveu *Instruções sobre a Santa Bula e Tratado das cerimônias da Missa*.

D. Maria casou-se com Gaspar Góis do Rêgo — o *alferes barcelense* que faleceu na batalha de Alcácer-Quivir.

Há quem afirme que D. Fulgêncio, além dêstes, teve mais uma filha por nome Angela que professou no convento das Chagas de Vila Viçosa.

D. João de Bragança, sobrinho do D. Prior anterior e 19.º da mesma colegiada, por ser filho legítimo de D. Eugênia e de D. Francisco de Melo, 2.º marquês de Ferreira, primo materno dela. Por causa dêste casamento não professou ela no convento das Chagas de Vila Viçosa, consoante o desejo de seus pais D. Jaime e dita D. Joana de Mendonça, o qual convento aquele duque fundara com o fim de que as suas filhas nêle professassem, tendo-o feito só duas, D. Maria e D. Vicência, com os nomes respectivamente de sóror Maria das Chagas e sóror Vicência do Espírito Santo, ambas abadessas do mesmo convento; falecendo aquela em 6 de Julho de 1586 e a segunda, com 89 anos, em 23 de Junho de 1614 e nêle foram sepultadas.

Foi também D. João de Bragança arcediágo de So-

bradelo, e bispo de Viseu desde 1582 até 1597. Instituiu uma capela no dito convento das Chagas com a obrigação de uma missa cotidiana por alma dos seus tios paternos D. Constantino e sua mulher D. Maria de Meneses que por sua própria determinação estão sepultados do lado de dentro, logo à entrada da igreja do mesmo convento junto do altar da capela que D. João de Bragança ali instituiu.

D. Eugénia faleceu, em 4 de Fevereiro de 1609, em Evora, de um ataque de paralisia, sendo sepultada no convento dos Lóios, da mesma cidade.

D. Alexandre de Bragança, nascido em Vila Viçosa em 17 de Setembro de 1570, filho de D. João I, 6.º duque daquele título e de D. Catarina. Foi o 4.º arcebispo de Evora.

Governou a sua arquidiocese apenas 6 anos incompletos, pois faleceu em 11 de Setembro de 1608, às 4 horas da madrugada, vítima de uma febre maligna.

Tinha apenas D. Alexandre de Bragança a prima-tonsurada e era formado em Teologia e Cânones pela Universidade de Coimbra e para ser nomeado Arcebispo recebeu consecutivamente todas as ordens, com dispensa dos interstícios; menores, em 7 de Setembro, subdiácono em 8 e presbítero em 15 de Setembro do ano de 1602 em que D. Felipe II o indicara para Prelado daquela diocese as quais lhe foram conferidas pelo bispo de Portalegre, D. Diogo Correia.

Sagrado arcebispo na mesma capela ducal de V. Viçosa, nela celebrou o primeiro pontifical no domingo do Espírito Santo. Na cerimónia da sagiação foi celebrante o bispo de Viseu D. João de Viseu e prelados assistentes os titulares de Nicomédia D. Estêvão e o de Fez D. Jorge Queimado, sendo-lhe lançado o pálio ⁽¹⁾ pelo sagrante.

Revestiu esta cerimónia uma imponência extraordinária

(1) E' um ornamento de lã branca em feição de cinto, guarnecido de cruzes pretas que os arcebispos usam por cima das vestes preláticas, concedido pelo Papa e por ele benzido para êsse fim.

A lã é tirada de dois cordeiros que todos os anos são oferecidos, no dia de Santa Inês ao Papa pelo capítulo de S. João de Lairão. E criados na cerca de um convento de religiosas, são tosquiados no tempo competente. Na festa da Páscoa um deles é servido na mesa do Papa, pois em Itália é costume comer-se naquele dia um cordeiro.

ria e um grande esplendor, pois nunca se tinha realizado outra na mesma capela nem em qualquer templo da vila.

Tomou posse do arcebispado em seu nome, o deão da capela ducal de Vila Viçosa rev. D. Manuel Pessanha de Brito.

D. Alexandre, antes de ser nomeado arcebispo já havia sido indicado, em Maio de 1601, para cônego da mesma Sé, de cuja dignidade tomou posse e logo a renunciou a favor do seu capelão rev. Diogo Rodrigues, a quem arbitrou a remuneração de 600 mil réis a título de pensão. Foi inquisidor-mor do reino, em Évora, e 20.º D. Prior da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, tendo renunciado para aceitar, por morte do antecessor D. Teotónio, a mitra de Évora. Foi sepultado na igreja do convento dos frades de Santo Agostinho da sua terra natal, junto do panteão dos seus maiores.

Fundou, em Montemor-o-Novo, na casa em que nascera S. João de Deus uma igreja, que foi mais tarde convento da sua ordem.

Eis o que pudemos saber sobre este assunto.

Mais tarde tornaremos a êle, aumentando-o com as biografias de outros D. Priores.

Belas, 20-XI-929.

P.º ALBERTO GONÇALVES.